

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Pâmela Silveira

**SER MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

**Florianópolis
Junho, 2019**

Pâmela Silveira

**SER MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Federal de Santa Catarina,
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia

Orientadora: Profa. Dra. Angélica Silvana
Pereira.

Co-orientadora: Profa. Ma. Stela Márcia
Moreira Rosa

Florianópolis

Junho, 2019

PÂMELA SILVEIRA

**SER MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA: NARRATIVAS DE ESTUDANTES DO
CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA**

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi considerado adequado para a obtenção do
Título de Licenciada em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 24 de junho de 2019.

Profa. Dra. Jocemara Triches/ Profa. Sandra Luciana Dalmagro
Coordenadoras do Curso de Pedagogia

Prof^a. Dr.^a Angélica Silvana Pereira (Orientadora - EED/UFSC)

Ma. Stela Marcia Moreira Rosa (Coorientadora – PPGE/UFSC)

Banca Avaliadora

Profa. Ma. Ângela Della Flora – CIN/CED/UFSC

Profa. Ma. Carolina Votto – MEN/CED/UFSC

Profa. Dra. Mônica Terezinha Marçal (suplente) – MEN/CED/UFSC

Dedico este trabalho de conclusão de curso ao meu filho João Victor Silveira Cardoso, por ter sido meu melhor amigo nesta etapa, pelo seu amor e cuidado, por iluminar a minha caminhada. Te amo, filho!

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por todas as oportunidades de vida que me trouxeram até aqui, a Universidade Federal de Santa Catarina por ter me proporcionado diversos aprendizados ao longo da graduação e aos docentes que influenciaram direta e indiretamente a minha trajetória.

Com um carinho especial, agradeço a professora Dra. Angélica Silvana Pereira por sua dedicação, paciência e incentivo ao longo de todo o processo de elaboração deste trabalho.

Deixo também a minha profunda gratidão a coorientadora Ma. Stela Rosa pelo acompanhamento incansável, o empenho e a confiança que ajudaram a tornar possível este sonho tão especial.

À memória dos meus pais, que não puderam estar presentes neste momento tão incrível da minha vida. Seus ensinamentos e valores alimentaram a minha alma e conduziram meus passos até aqui. Saudades eternas!

Agradeço a minha família que esteve sempre comigo nas horas difíceis, incentivando a continuação da minha formação em Pedagogia.

Agradeço ao pessoal da limpeza e as demais pessoas da instituição por nos proporcionar um ambiente limpo e agradável.

Por fim, agradeço a todos os amigos, companheiros e companheiras de trabalho que fizeram parte da minha formação.

Ao meu filho João Victor, pela paciência diante da minha ausência em vários momentos de nossas vidas!

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar a trajetória de mães na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especificamente no curso de Pedagogia. Para isso, buscamos ‘ouvir’ as narrativas das estudantes mães e demais alunos/as, por entender que entre esses se estabelecem relações diversas no cotidiano na convivência em sala de aula e em outros espaços da universidade. Por meio de entrevista aberta com os estudantes, tentamos investigar como esses dialogam com as categorias mulher, mãe e universitária e que ações institucionais deveriam ser implementadas para garantir a permanência das estudantes mães e universitária. Verifica-se que entre as/os 31 estudantes que participaram da pesquisa, há uma tendência de naturalizar os papéis atribuídos socialmente às mulheres no exercício da maternidade. Mesmo entre aquelas que são mães, ao se referirem as dificuldades para conciliar a vida doméstica, o cuidado com os filhos e a vida acadêmica, há pouca referência às questões estruturais, como o machismo e patriarcalismo. No que se refere as/os demais estudantes, a maior parte das abordagens aponta que a força é um atributo relevante para que as estudantes mães consigam concluir o percurso formativo. Entre ações que consideraram importantes para garantir a permanências dessas mulheres mães, sobressaem os auxílios financeiros e psicológico. A partir das análises, verifica-se a relevância de incluir no currículo no curso de Pedagogia discussões sobre as questões de gênero. Nesse sentido, é importante considerar que os profissionais da pedagogia vão atuar na Educação Infantil e nas turmas do Ensino Fundamental I, portanto estabelecem uma relação direta com as infâncias e conseqüentemente com as mães e os pais dessas crianças.

Palavras-chave: Gênero. Maternidade. Curso de Pedagogia. Mulher. Universitária.

SUMÁRIO

| | |
|------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| 1 DESAFIOS INICIAIS DA ‘GESTAÇÃO’ DE UMA PESQUISA | 08 |
| 1.1 A organização das mães na universidade | 12 |
| 1.2 Trabalhos acadêmicos sobre a temática | 13 |
| 1.3 Percursos metodológicos da pesquisa | 16 |
| | |
| 2 MULHER E MÃE: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS | 17 |
| 2.1 Gênero e feminismo | 20 |
| 2.2 Maternidade | 22 |
| | |
| 3 SER MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA NAS NARRATIVAS DAS/OS ESTUDANTES – ESBOÇANDO ANÁLISES | 27 |
| 3.1 Das/os participantes da pesquisa | 29 |
| 3.2 Das narrativas | 32 |
| 3.2.1 Sobres ser mulher nas narrativas das estudantes mães | 32 |
| 3.2.2 Sobre ser mulher nas narrativas dos estudantes e das estudantes não mães | 35 |
| 3.2.3 Sobre ser mãe e universitária para as estudantes mães | 38 |
| 3.2.4 Sobre ser mãe e universitária para as estudantes não mães | 41 |
| 3.3 Da permanência das mulheres mães na universidade | 44 |
| | |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS | 51 |

1 DESAFIOS INICIAIS DA ‘GESTAÇÃO’ DE UMA PESQUISA

Minha trajetória como mulher, mãe e trabalhadora, no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), foi atravessada por perdas e mudanças estruturais em minha vida: a morte do meu pai, a gravidez, logo quando iniciei o curso, ainda na primeira fase, o falecimento da minha mãe e a separação conjugal. Diante desses acontecimentos, a maternidade despertou em mim, de forma ainda mais forte, o desejo de ter uma profissão para conseguir uma estabilidade financeira e, com isso, conquistar as condições para criar meu filho com mais dignidade.

Assim, a maternidade atravessou o meu percurso acadêmico de diferentes maneiras, funcionando tanto como um estímulo para buscar a sonhada profissionalização quanto pelas dificuldades para cumprir os compromissos e chegar ao objetivo traçado. Nesse percurso, a responsabilidade de cuidar de um filho pequeno ia se colocando como um entrave para conciliar horários, que me permitissem ter tempo para fazer as leituras necessárias para as disciplinas e realizar os trabalhos em grupos, pois, muitas vezes, minhas impossibilidades de participar mais ativamente da elaboração das atividades pareciam ser vistas por algumas colegas que não são mães como uma desculpa ou preguiça.

Também enfrentei dificuldades em estabelecer diálogos com algumas/uns docentes para negociar a entrega de trabalhos fora do prazo, na qual a condição da maioria dos estudantes era o padrão a ser seguido, quando ouvia dos professores algo como: *todos entregaram no prazo, dá o teu jeito!* Tinha ainda a força da imposição social me dizendo que não era certo estudar e deixar meu filho pequeno para ir para às aulas, o que acarretava um sentimento de culpa e dificultava a realização dos trabalhos acadêmicos com a eficiência que eu queria, e me era demandada. Tudo isso fazia, às vezes, com que me sentisse desestimulada, gerando um sentimento de angústia e medo.

Um complicador nessa caminhada foi quando meu filho completou um ano de idade e teve a primeira crise de epilepsia. A partir daí, ele precisou tomar remédios controlados. Essa situação exigiu que eu estivesse mais presente e aumentou as cobranças sociais e pessoais acerca dos meus cuidados de mãe. Na creche onde ele estudava, por exemplo, sempre era solicitada a minha presença, a da mãe, para administrar o remédio e raramente, era mencionada a figura do pai. Na agenda, os recados eram dirigidos à mãe e, além disso, eu observava a presença maior das mães em reuniões e eventos da creche.

Na realidade concreta da maternidade na qual eu me encontrava, carregava uma culpa constante por não conseguir estar presente no dia a dia do meu filho, como era 'dito' pela sociedade, como ter que parar de amamentar quando ele fez apenas quatro meses, por ter que sair quando ele ficava chorando e pedia o meu colo ou por chegar tarde e ele já estar dormindo. Essas coisas do cotidiano faziam com que, na vivência da maternidade, se misturasse os sentimentos de alegria, frustração, raiva e solidão, para atender o que era prescrito para ser uma boa mãe. É como se todos os nossos comportamentos fossem vigiados. Se damos colo, nos dizem que os mimamos demais. Se os deixamos chorar, nos acusam de não darmos a atenção devida ao filho. Se colocamos o filho para dormir na nossa cama, dizem que está errado. Se demoramos para tirar as fraldas, nos acusam de ser preguiçosa. Todos esses julgamentos nos fazem acreditar que tudo que acontece de errado com o filho, com a casa ou com o marido é de nossa inteira responsabilidade. Afinal, quem nunca ouviu a famosa frase: *É culpa da mãe*.

Diante de todas essas evidências, optei por trancar o curso durante um ano e meio, pois não me sentia mais capaz de cumprir com toda a sobrecarga na qual se misturava as obrigações de ser mãe e universitária. Nesse período, procurei dar mais atenção ao meu filho, ficando em casa com ele enquanto meu marido trabalhava. Em contrapartida, o anseio e o desejo de voltar a estudar se tornavam constante no meu pensamento. Então, passado o período de quase dois anos, quando João Victor já estava com mais idade e não tinha mais casos graves de crises epiléticas, resolvi voltar para a universidade. Após conversa com a família e de ter o apoio da sua avó paterna, retornei para o curso.

Lembro-me que, no início, foi difícil me organizar. Optei por caminhar, no ritmo diferente dos/as demais estudantes. Em vez de cursar as sete disciplinas que compõem a grade curricular semestral, resolvi fazer apenas quatro. E, mesmo assim, sentia dificuldades de acompanhar as aulas, pois mesmo contando com ajuda familiar, tinha que conciliar as obrigações cotidianas dos cuidados com o meu filho, tais como levá-lo à creche, acompanhar as atividades da escola, dar atenção à noite quando chegava da faculdade e acompanhar o desenvolvimento das tarefas da escola, com as minhas tarefas de estudante. Estava sempre correndo contra o tempo para conciliar os meus horários e, muitas vezes, não me sobrava tempo para fazer coisas básicas, como almoçar.

Percebi que a maternidade transforma a rotina de qualquer pessoa, e se esta for mãe e universitária se torna um desafio a mais, pois não se trata apenas de ajustar as tarefas

diárias com as demandas da universidade, pois cuidar de um filho demanda muito e, na maior parte das vezes, a mãe precisa fazer isso sem o apoio de outras pessoas e nem o da instituição. Diante de todas essas minhas vivências, ficava me indagando se havia mulheres, mães e universitárias que passavam pelas mesmas situações que a minha. Como faziam para conciliar essas tarefas? O que as estimulava? Como se sentiam frente à pressão da sociedade perante seu papel de mãe? Aonde deixavam os filhos? Quais os sentimentos que perpassavam a sua trajetória?

As minhas angústias sobre a maternidade pareciam estar longe da universidade e minha primeira aproximação com o tema na área acadêmica foi por meio da disciplina Corpo, Gênero e Sexualidade: Implicações para as Práticas Pedagógicas¹. Nessa disciplina, entrei em contato com temáticas que me ajudavam a pensar nas minhas vivências, tais como o conceito de gênero, quando discutimos as diferenças e desigualdades que afetam as mulheres. Abordamos as lutas das mulheres, como o movimento feminista na década de 70. Patriarcado, diferença salarial e violência doméstica no Brasil foram outros assuntos que discutimos. Essas discussões em sala de aula geraram em nós mães o desejo de discutir a temática, abordando as responsabilidades e demandas que nos eram impostas frente a esse papel.

A partir disso, no trabalho de conclusão de disciplina, eu e outras estudantes, que também eram mães, resolvemos explorar a temática e elaboramos uma espécie de trabalho de campo e de intervenção com o título “Mães Universitárias”, para compreender os desafios que enfrentavam as demais mães acadêmicas da UFSC. Para isso, projetamos pegadas no chão representando passos de uma pessoa adulta, acompanhada pelos passos de uma criança. O caminho, por sua vez, levava até uma árvore colada na parede, contendo folhas com diversas frases, que expressavam os desafios enfrentados pelas mães estudantes, que dificultam sua permanência no mundo universitário, e uma caixa para que as pessoas que se sentissem provocadas, ou se identificassem com as falas, expusessem sua vivência. Nesse movimento, surgiram questões relevantes que, ressoaram na minha decisão de aprofundar esse tema no TCC. Entre os diversos depoimentos coletados, havia aqueles que apontavam as dificuldades de concluir o curso tais como:

Desisti do curso um semestre antes de concluí-lo;

¹ Disciplina optativa ofertada ao Curso de Pedagogia na forma de docência compartilhada entre a profa Angelica Silvana Pereira e o prof. Alexandre Toaldo Bello, cursada no primeiro semestre de 2018.

Algumas educadoras e educadores não aceitam que suas alunas mães saiam mais cedo para buscar seus filhos e filhas nas creches;

Estudantes que trabalham e têm filhos possuem restrições pessoais, que se juntam às dificuldades já encontradas por estudantes de tempo integral, na organização de seus horários;

Dentro das salas de aula, são os professores que decidem se aceitam a presença de crianças. Alguns/algumas não aceitam.

Já, outros depoimentos, indicavam a importância do debate sobre o tema e a necessidade de ampliar e aprofundar as reflexões.

Mães estudantes lutam todos os dias contra um sistema que as fazem acreditar que a Universidade não é o lugar delas;

Permanência para as mães;

Maternidade e vida estudantil: precisamos falar sobre isso;

Culturalmente, a 'mãe estudante' ainda é novidade;

A UFSC oferece 20 bolsas de auxílio creche para os seus 46.225 alunos matriculados, em período integral ou não;

As pessoas não sabem lidar com crianças.

Esses relatos nos fizeram pensar que, as mães universitárias lutam continuamente por uma série de direitos que assegurem a sua permanência no curso, realidade enfrentada por muitas estudantes na UFSC, e que influenciaram na minha escolha de abordar a temática no meu Trabalho de Conclusão do Curso (TCC). Assim, a presente pesquisa teve como objetivo investigar a trajetória de mães na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), especificamente no curso de Pedagogia. Os pontos relevantes que nortearam essa investigação emergiram da busca de entender como estas mães lidam com o processo da maternidade no âmbito acadêmico.

Neste sentido, partimos de algumas questões norteadoras que deram suporte para as reflexões, tais como: Como é a movimentação dessas mães no curso de Pedagogia? Quais as lutas que enfrentam para assegurar a sua permanência na Universidade? E quais as estratégias que adotam para superar os desafios que permeiam a caminhada acadêmica e a maternidade? Existem políticas de assistência oferecidas pela UFSC? No âmbito docente,

avaliamos que seria importante investigar como os professores do curso de Pedagogia promovem ações que possibilitem articular a vida acadêmica com o exercício da maternidade? Como se dá a interação com os demais colegas? Os direitos dessas estudantes são garantidos sem que tenham que passar por constrangimentos perante as demais colegas em sala de aula?

Nesse sentido, um dos primeiros movimentos que realizei para iniciar essa pesquisa foi buscar informações sobre as ações da UFSC para garantir a permanência de universitárias mães.

1.1 A organização das mães na universidade

Atualmente, por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantes (PRAE), a UFSC disponibiliza para pais e mães um auxílio creche, que varia de R\$ 468,00, valor parcial, a R\$ 771,00, que corresponde ao valor integral. Para ter acesso ao benefício, as mães e pais devem comprovar a situação econômica de baixa renda, que estão na lista de espera das creches públicas e que tentaram uma vaga no Núcleo de Desenvolvimento Infantil (NDI).

Há também o Coletivo de Mães que foi criado por um grupo de mães em 2017 com o objetivo de estruturar, e avançar, as ações que já vinham sendo discutidas pelo Movimento de Mães e Pais da UFSC. Cabe pontuar que as demandas do grupo tinham pouco espaço junto ao movimento estudantil da UFSC. Era comum, de acordo com a estudante Vanessa Suany, que integra o Coletivo, que, ao levantarem suas necessidades de permanência, as estudantes mães ouvirem o argumento de que suas demandas eram específicas, e assim não pareciam ter espaço nas discussões do coletivo. É importante destacar que o Movimento de Pais e Mães conquistou algumas ações relevantes para a permanência das mães, tais como acesso das crianças ao Restaurante Universitário, auxílio creche e a criação do Espaço Família na Coordenadoria de Inclusão Digital.

Em relação ao Coletivo de Mães, ao se organizar e levar as demandas junto à Reitoria, uma das principais reivindicações era discutir um projeto que oferecesse contraturno escolar para crianças 06 a 12 anos, momento em que eles já saíram da creche e ficam apenas um turno na escola, o que, para muitas mães, dificulta a permanência na universidade. Vale ressaltar que, nessa caminhada que ainda está em construção, o Coletivo de Mães conquistou a cedência do Espaço Flor do Campus, e está buscando apoio nos diversos cursos para conseguir articular o atendimento das crianças. Nesse sentido,

cabe salientar que alguns Centros acolheram a proposta, como o CSE, CTC, CCA, CCE, CFH e o Colégio Aplicação, mas ainda há dificuldades de contar com o apoio do CED.

Para compreender a caminhada e dificuldades dessas mulheres, o Coletivo de Mães também lançou a campanha virtual #SerMãeNoCampus, para que as mães e universitárias possam compartilhar suas vivências, e dificuldades que enfrentam para continuar frequentando as aulas. Outra ação que estão desenvolvendo é realizar o levantamento de quantas mães existem na UFSC atualmente, um dado que ainda não se tem na Universidade.

O grupo também tem uma página no Facebook (<https://www.facebook.com/ColetivoMaestudantesUFSC/>), na qual divulga as ações que estão implementadas em outras universidades, tais como lançamentos de editais PIBIC, da Universidade Federal Fluminense, que busca priorizar as estudantes mães. Há também a divulgação de eventos acadêmicos que abre espaço para a discutir a temática da maternidade, como o I Seminário ARTE, MATERNAGEM E FEMINISMOS: marginalices e entrelaçamentos, que ocorrerá nos dias 13 e 14 de junho de 2019, na Universidade Federal de Sergipe. Desta forma, o Coletivo tanto busca desenvolver ações na UFSC, quanto se integrar as ações que estão em andamento nas demais universidades federais.

1.2 Trabalhos acadêmicos sobre a temática

Com o objetivo de se aproximar dos debates que estão sendo feitos sobre a referente temática, foi realizado um levantamento bibliográfico. Para isso, foram definidos descritores com as palavras chaves: mulher, mãe e universitária, mães universitárias e estudantes mães, com o objetivo de buscar pesquisas que traziam os marcadores sociais que constituem a trajetória do público alvo da pesquisa: mulher, mãe e universitária. Foram encontrados 9 (nove) trabalhos, porém nem todos conversavam sobre a trajetória de mães acadêmicas. Alguns versavam sobre a questão da maternidade e sua relação com o feminismo, com a história das mulheres e a realidade da mãe trabalhadora. Em função disto, foram selecionados 3 (três) trabalhos, sendo um artigo, um trabalho de conclusão de curso e uma dissertação de mestrado.

Um dos artigos analisados resulta da pesquisa realizada pela estudante de pedagogia da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Teresa Cristina Sousa Amorim

(2012). Com o título *A formação acadêmica das mães Universitárias do campus Clóvis Moura: um olhar para a qualidade*, a autora analisou as dificuldades de alunas na condição de mães, e/ou esposas, trabalhadoras, do curso de licenciatura plena em Pedagogia no Campus Clóvis Moura. A investigação buscou compreender as consequências que advém do exercício da maternagem na formação de mães acadêmicas, com o intuito de compreender os papéis atribuídas ao gênero feminino. Para isso, entrevistou mães estudantes universitárias que tivessem filho com idade entre 0 (zero) a 1 (um) ano. A entrevista focava nos relatos do cotidiano, cujo problema formulado se pautava no exercício da maternagem e como isso interfere na qualidade de formação acadêmica das estudantes mães. Para entender essa problemática, foram levantadas as seguintes questões: Como o tempo interfere na qualidade de estudos das mães? Como estão estabelecidas as relações de gêneros, e como elas interferem no rendimento acadêmico? Que papéis sociais são atribuídos às mães, e como interferem na qualidade da formação acadêmica.

Segundo a autora, as entrevistadas afirmam que não conseguem produzir da maneira como gostariam, e nem com a eficiência exigida pelo professor, por conta da preocupação gerada por estarem longe dos seus filhos. Outro fator apontado era conciliar o tempo de estudo com as atividades domésticas e os papéis de esposas e mães. As estudantes também mencionavam os conflitos gerados na vida conjugal pelo fato de precisarem ter tempo para estudar.

A outra produção analisada trata-se do trabalho de conclusão de curso de Flavia Gripp Ribeiro (2016), da Universidade de Brasília (UNB). Com o título *Mães estudantes: desafios da maternidade, e da permanência na Universidade, enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UNB*, a autora aborda o exercício da maternagem enquanto uma ação carregada de valores sociais, e busca entender os padrões sociais atribuídos as mulheres mães no âmbito familiar, político e econômico. A autora também aborda as dificuldades das mulheres, mães, e universitária de conciliar a vida acadêmica com a vida pessoal. A análise também incluiu as questões de classe e raça.

O método de coleta de dados adotado por Ribeiro (2016) foi a aplicação de um questionário *online*, no google forms, contendo 15 perguntas, dividindo em 7 (sete) objetivas e 8 (oito) discursivas. Para estimular a participação na pesquisa, foi realizada divulgação em redes sociais, e a pesquisa contou com a participação de sete estudantes do curso de Serviço Social da UNB.

A autora identificou, ao longo de sua pesquisa, que os marcadores sociais atribuídos as mulheres, como o papel da mulher e mãe, e as tarefas socialmente femininas, como as atividades domésticas, influenciam no rendimento da vida acadêmica. Nos relatos, as entrevistadas discorreram sobre a falta de tempo para realizar as atividades, tanto de mães, quanto de estudantes, e a falta de apoio para garantir o cuidado dos filhos, pois muitas não tinham com quem deixá-los para frequentar o curso. Em relação ao apoio da universidade, algumas estudantes argumentam que não se sentiam acolhidas, e sequer conseguiam estabelecer um bom diálogo com o departamento do curso. Quando perguntadas sobre quais ações julgavam importantes para que conseguissem permanecer na universidade, elas apontaram a necessidade de creches e escolas para os filhos, a flexibilidade nos horários do curso, o direito de levar os filhos para as aulas, e a inexistência do aporte de auxílio financeiro da instituição para as mães com baixa renda.

Em Tornar-se mãe no contexto acadêmico, narrativas de um self participante, Oliveira (2019) discorre, em sua dissertação de mestrado, sobre a experiência e a transição de jovens que lidam com o processo da maternidade e a vida acadêmica, a partir de relatos autobiografados e da observação na creche da Universidade Federal da Bahia- UFBA. Para tal procedimento, foram realizadas entrevistas com jovens na faixa etária entre 19 (dezenove) e 25 (vinte e cinco) anos, que tinham filhos de até dois anos que frequentava a creche da universidade. A autora discorre com exemplos, apontando que, quando uma jovem engravida, ela se casa e sai da casa dos pais e, mais tarde, se o relacionamento não deu certo, ela volta para a casa da família com o filho. Este exemplo nos ajuda a identificar as responsabilidades sobre a rotina diária das crianças, pois, por mais que alguns pais ajudem nesta tarefa, quando separadas, sofrem uma sobrecarga ainda maior.

A partir da leitura dos trabalhos, é possível apontar questões que são discutidas nas três abordagens, tais como as desigualdades nas relações de gênero, as representações sociais do papel das mulheres, que impõem uma série de atribuições, tais como a maternidade e as atividades domésticas. Fatores que dificultam conciliar as atividades acadêmicas com a maternidade e as atividades domésticas foram apresentadas por diversas entrevistadas, que relataram as difíceis e constantes negociações que precisam estabelecer para se manter na universidade, seja para colocar suas crianças nas creches, cumprir prazos de trabalhos acadêmicos e contar com algum tipo de apoio e divisão de tarefa no dia-a-dia.

No que diz respeito ao número de trabalhos encontrados, os dados mostram que esta temática ainda é um campo que precisa ser aprofundado, pois ainda é pouco abordado nos trabalhos de graduação e pós-graduação. Em relação à distribuição geográfica, não identifiquei trabalhos nas regiões Norte, Sudeste e Sul. Até o momento, a temática foi debatida em instituições do Nordeste e Centro-Oeste.

1.3 Percursos metodológicos da pesquisa

A partir das aproximações que realizei do Coletivo de Mães da UFSC e da produção acadêmica, estabeleci alguns caminhos metodológicos para a pesquisa. Uma primeira questão foi incluir no universo de entrevistadas, além das mulheres mães e universitárias, os/as demais estudantes universitários/as, visto que, no decorrer do curso, eles convivem, dialogam e estabelecem diversas negociações para desenvolver as atividades em grupo. Por isso, trata de uma trajetória que também atravessa a vida dos/as demais estudantes.

Em função do curto tempo que dispunha para realizar o trabalho e da experiência que tive com a disciplina sobre a temática de gênero, optei por coletar as narrativas de forma espontânea, que abrisse para a participação todos os estudantes do curso de pedagogia. Para isso, anexei cartazes convidando as pessoas a participarem da pesquisa, os quais foram fixados nos seguintes espaços do CED: salas de aulas, banheiros e os corredores por onde transitam os/as estudantes. Ao lado dos cartazes, foram disponibilizadas folhas, canetas, envelopes, cola e uma caixa fechada para que os/as estudantes pudessem expressar suas percepções de forma anônima. Para estabelecer o diálogo com a temática da pesquisa - A trajetória de estudantes mães na universidade, solicitei que os/as estudantes relatassem suas opiniões, sobre as seguintes questões: Como é ser mãe na Universidade? Que ações você considera, importante para que mães universitárias, possam permanecer na Universidade?

Para estimular a participação, divulguei a realização da pesquisa por meio de e-mails institucionais do Centro Acadêmico Livre de Pedagogia, dos grupos de WhatsApp dos alunos, e fiz apresentação da pesquisa nas salas de aula. O material foi disponibilizado durante os cinco dias do mês de maio. E, é a partir desses relatos, que vou refletir sobre as trajetórias das estudantes mulheres, mãe e universitárias no curso de pedagogia da UFSC.

2 MULHER E MÃE: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Sabemos que, ao longo da história, mulheres e homens desempenham diferentes papéis na sociedade, que atribuem a cada um/a funções e atividades, valoradas de formas desiguais. As mulheres, cuja uma das funções era a procriação, era vinculada ao espaço privado, cabendo-lhe a gestão do lar. Já o espaço público, os trabalhos realizados fora do âmbito doméstico, era destinado aos homens. Como destaca Magalhães (1980), herdamos essa lógica de organização das civilizações romanas e gregas que, conceberam a ideia de que somente o homem era portador de direitos.

Desde a mais remota antiguidade ocupou a mulher na sociedade uma posição subalterna ou, no mínimo, subsidiária ou complementar ao homem. Assim, em algumas civilizações a mulher foi considerada coisa, podendo ser, por isso, passível de ser comerciada. Na antiga Assíria as esposas eram tratadas como bens dos maridos. O direito de divórcio era exclusivamente do homem, permitia-se a poligamia e a todas as mulheres casadas era proibido aparecer em público sem um véu na face. Esse foi o início da segregação oriental da mulher. (IDEM, p. 125-128). (História da Civilização Ocidental, EDWARD M C NALL BURNS, 21.a ed., Ed. Globo, Porto Alegre, 1977, p. 89).

A figura feminina também foi vista como sexo frágil e dependente da figura masculina, ora do pai, do irmão ou do marido, e que precisava se adequar a uma sociedade predominantemente patriarcal e machista, que a submetia à vontade do homem. Se, por um lado, ela era responsável pelo cuidado dos filhos, por outro, devia seguir as orientações do marido. Assim os filhos eram educados para seguirem a vontade do pai, ou seja, não tinham direito a vontade própria. Cabia ao pai julgar o que era certo ou errado em relação ao futuro, tanto dos filhos como da mãe.

O casamento era ritual que marcava o início de uma nova família, na qual a mulher assumiria a função de mãe, servindo ao marido e aos filhos nos afazeres domésticos.

Importa destacar que essas funções e padrões comportamentais variavam conforme diversos fatores, e um deles refere-se à classe social. Essa mulher que foi concebida enquanto um ser do lar, representa uma mulher abstrata, idealizada pela família burguesa, que se casava e ia viver no lar. Tal concepção não condizia, com a realidade das mulheres trabalhadoras, especialmente as de baixa renda, que ingressavam no mercado de trabalho para garantir, junto com o marido, a renda familiar. O processo de industrialização

é representativo dessas diferenças, em que muitas mulheres assumiam tanto a posição de operária nas fábricas, quanto a de cuidadora do lar, dona de casa.

Desse período, é importante destacar que as mulheres que enfrentavam essa realidade procuravam se organizar, convocando outras mulheres para discutirem os problemas relacionados as desigualdades salariais, os abusos que sofriam no ambiente de trabalho, as péssimas condições de higiene nas fábricas, e a ausência de direitos políticos e sociais para as mulheres, como destaca Louro (1997, p.17), “sem dúvida, desde há muito tempo, as mulheres das classes trabalhadoras e camponesas exerciam fora do lar, nas fábricas, nas oficinas e nas lavouras”.

Ao confrontar essas diferentes realidades, podemos perceber que o patriarcado que se configura como poder do chefe da família, e o machismo, que delega as mulheres o espaço complementar na vida social, afetavam a vida destas mulheres de diferentes formas. Se a mulher burguesa estava submetida ao jugo do marido, as mulheres trabalhadoras ainda eram submetidas as desigualdades salarias e a uma jornada tripla de trabalho, mas a ambas era negado diversos direitos, como ao voto, por exemplo. Os efeitos das diversas opressões a que eram submetidas começaram a ressoar nos seus desejos de liberdade e na conquista dos direitos que lhes eram negados.

Assim, a passagem do século XIX para o XX é marcado pelo crescimento do movimento feminista, focado especialmente na luta pelo direito político, o direito do voto, e reivindicações relacionadas ao acesso à educação e ao mercado de trabalho. Ligado aos interesses das mulheres brancas de classe média, esse movimento é denominado segundo Louro (1997), como a primeira onda, marcado especialmente pelo movimento sufragista, como a autora destaca no trecho abaixo.

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado ‘sufragismo’, ou seja, no movimento voltado para estender o direito do voto às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente como a ‘primeira onda’ do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinada profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento (LOURO, 1997, p.14-15)

A ausência do direito ao voto e as restrições na participação feminina nos espaços educacionais e no mercado de trabalho no Brasil relacionam-se com a organização patriarcal da sociedade, em que o papel da mulher é sempre considerado inferior ao dos

homens. No entanto, as reivindicações ainda eram restritas as necessidades e interesses de certa parcela feminina da população, especialmente as de classe média.

A partir da década de 1960, as pautas de luta e a participação das mulheres ampliam-se, e novas reivindicações e vozes começam a ser colocadas na vida social, é o que se denomina como a segunda onda do feminismo. Esse movimento é marcado pela participação de inúmeras vozes denunciando as formas de exploração e a dominação ao qual eram submetidas. A luta pela igualdade social, éticas religiosas e sexuais passa a ser colocada como central na luta das mulheres, cujas reivindicações giravam em torno do reconhecimento de sua condição de cidadãs e sujeitos de direitos. Há também uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, com liberdade e autonomia para decidirem sobre sua vida e seu corpo. É também nesse momento que

Será no desdobramento da assim denominada "segunda onda" — aquela que se inicia no final da década de 1960 — que o feminismo, além das preocupações sociais e políticas, irá se voltar para as construções propriamente teóricas. No âmbito do debate que a partir de então se trava, entre estudiosas e militantes, de um lado, e seus críticos ou suas críticas, de outro, será engendrado e problematizado o conceito de gênero. (LOURO,1997, p.15).

A terceira onda do movimento feminista tenciona tanto a submissão e a desigualdade que vitimiza as mulheres, quanto as diferenças existentes entre elas, colocando no debate questões como raça e sexualidade. Trata-se de uma visão pós-estruturalista das abordagens de gênero e sexualidade, que procurou contestar as definições de mulher e de feminilidade, que se apoiavam especialmente nas experiências vividas por mulheres brancas, integrantes das classes médias e alta da sociedade. Momento em que também se aprofunda o debate teórico sobre essas questões e surgem estudos focados nas diferentes condições das mulheres, como expressa o trecho abaixo.

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone de Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. Surgem os *estudos da mulher* (LOURO,1997, p.16).

Considerando o exposto, é relevante pontuar que o papel das mulheres e dos homens na sociedade, não pode ser analisado a partir de uma perspectiva única. Ou seja, não é possível pensar e falar das mulheres, a partir de um ponto de vista de mulheres brancas, e de classes econômicas mais favorecidas. Há na categoria mulher distinções, a partir das quais se vivencia de diferentes maneiras o machismo e o patriarcalismo. Por isso, é importante analisar os impactos dos direitos conquistados de diferentes formas. Atualmente, mesmo que muitas já tenham conquistado uma série de direitos, como o acesso à educação e ao mercado de trabalho, as funções domésticas ainda são assumidas pelas mulheres, especialmente as negras, que estão mais presentes no emprego doméstico. Além disso, mesmo aquelas que conquistaram outros espaços no mercado de trabalho, ainda desempenham tripla jornada de trabalho, pois, ao mesmo tempo que trabalham fora de casa, continuam responsáveis pelas atividades domésticas e pela educação dos filhos.

2.1 Gênero e feminismo

Para a discussão que propomos nesse trabalho, é importante conceituar a categoria gênero para compreender as desigualdades e os preconceitos que impactam a vida das mulheres. De acordo com Louro (1997), o conceito gênero diz respeito a categorias sociais construídas historicamente, que atribui formas diferentes de estar no mundo a mulheres e homens. Diferente do conceito de sexo, que se refere às características biológicas, aos órgãos sexuais, gênero vai tentar compreender como a representação do feminino e masculino são historicamente construídos, como pontua a autora:

O conceito pretende se referir ao modo como as características sociais são compreendidas e representadas. Na medida em que o conceito afirma o caráter social do feminino e do masculino obriga (...) levar em consideração as distintas sociedades e os distintos momentos históricos. (...) o conceito passa a exigir que se pense de modo plural, acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos. (LOURO, 1997, p.22-23)

Assim, falar sobre gênero é discorrer sobre os papéis que homens e mulheres desempenham na sociedade, dando visibilidade as desigualdades e as discriminação que as mulheres sofrem em todas as dimensões da vida social: política, econômica, educacional, que são construídas a partir das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Louro (1997) pontua que o conceito de gênero surge para romper com o pensamento tradicional

que, ancorado no argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos, atribui e valora de forma diferente as atividades realizadas por mulheres e homens.

Nesse sentido, o gênero é uma categoria relacional que nos ajuda a compreender as diferenças que são construídas a partir das representações que se atribui as diferenças biológicas entre homens e mulheres. Nessa perspectiva, essa categoria nos ajuda a refletir e questionar os lugares que os indivíduos ocupam na sociedade e como se manifestam as desvantagens das mulheres com relação aos homens.

Trazendo essas reflexões para o contexto da nossa pesquisa, o Curso de Pedagogia, podemos pensar que o fato dele se caracterizar pela presença majoritária das mulheres relaciona-se com o papel que vem sendo destinado às mulheres, acerca do cuidado dos filhos. Como se trata de um curso que tem como objetivo a educação das infâncias, relaciona-se assim a Pedagogia como uma profissão de mulher, enquanto o curso de Engenharia, por exemplo, é relacionado aos atributos masculinos, e por isso conta com uma presença maior de homens. É importante destacar ainda que, mesmo que as mulheres sejam maioria no curso de Pedagogia, as diferenças de gênero se fazem presentes nas escolas. Segundo Louro (1997, 2008), os/as professores/as, muitas vezes, reforçam os estereótipos de gênero, fazendo diferenciação entre meninos e meninas, quando, por exemplo, nas aulas que tenham atividades físicas, atribui-se ao menino qualidades de maior desenvoltura e habilidade, já as meninas são vistas como seres mais frágeis e delicadas. Na divisão das brincadeiras, os estudantes também são separados de acordo com sexo. Os meninos jogam futebol, e as meninas são designadas a jogar vôlei, ou pular corda.

Um exemplo que nos ajuda a perceber essa vinculação da pedagogia com as mulheres são os estranhamentos que, às vezes, surge quando um professor de Educação Física atua na Educação Infantil, tanto por parte dos pais, quanto da própria escola. Ele costuma ser visto com certo preconceito por estar inserido em um espaço predominantemente feminino.

Pode-se pensar assim que gênero, enquanto uma definição de papéis a partir do sexo biológico, é uma realidade que permeia os diferentes aspectos da vida social, desde o modo de se vestir, as cores e formatos de roupas, até a divisão das funções sociais que marcam as diferenças entre homens e mulheres. Mesmo que nos dias atuais, as mulheres estejam presentes em diferentes espaços como na política, no mercado de trabalho, atuando em algumas profissões que predominam a presença masculina, o machismo e patriarcado continuam atuando e impactando a vida das mulheres, como na sobrecarga das

atividades das se que, mesmo quando assumem postos de trabalho continuam sendo responsáveis pelas atividades domésticas e maternas. Outra desigualdade que permanece é a diferença salarial, pois, geralmente, o salário da mulher é menor do que o dos homens, e essa diferença aumenta quando analisamos a realidade das mulheres negras.

Percebemos que, embora a mulheres estejam conquistando cada vez mais espaço na sociedade, ainda existem desafios a serem enfrentados. Ainda é preciso discutir e questionar o machismo, que diferencia tanto as ações e as oportunidades entre homens e mulheres, quanto controla as atitudes e os corpos femininos, que são cerceadas por regras moralistas que, muitas vezes, lhes priva da liberdade de ir e vir.

2.2 Maternidade

Na sociedade, as mulheres são socializadas para serem mães e ensinadas a romantizar esse papel já na infância, quando as meninas ganham bebês de brinquedo e começam a aprendizagem dessa tarefa: alimentar, dar banho, trocar a fralda. Ou quando, a depender da condição social, se delegam para as meninas a função de cuidar dos irmãos mais novos. Por outro lado, os meninos são instruídos a não brincarem com bonecas.

Com isso, começa a se constituir a ideia de que os cuidados com o bebê são de inteira responsabilidade da menina, como destaca Marcello (2005), ao analisar as relações entre a maternidade e as brincadeiras infantis.

É importante dar a ver essa 'maternidade-de-mentirinha', porque com ela são traçadas formas de cumprir a norma ou de colocá-la em funcionamento. Nada imatura, a menina mostra uma espécie de seriedade, de rigor ao representar-se como mãe. Mostra que, desde pequena, o sujeito-mulher sabe, efetivamente, como tratar os filhos, como cuidar deles e o quanto isso lhe é motivo de prazer, orgulho e naturalidade. [...]. A menina que assume mesmo o papel de mãe inclusive demonstra o amor incondicional [...] à pequena filha de plástico. [...] Ironicamente, a prosaica brincadeira infantil serve de suporte para uma normatividade materna ligada a questões de responsabilidade e maturidade (precoce): a mesma norma, pois, que irá afirmar patologia da maternidade-adolescente (MARCELLO, 2005, p.87/88).

Na vida adulta ou na adolescência, a partir do momento que as mulheres se tornam mães se deparam com as cobranças sociais desse novo papel. Não se trata apenas de cuidar da criança, pois as mulheres mães são tidas como responsáveis por qualquer necessidade da criança, seja ela afetiva ou material. Cabe a ela a obrigação de cuidar, alimentar, amar e formar para a vida, sendo responsabilizada também pelas diversas ações dos filhos. Por exemplo, se a criança tem nota baixa na escola, cobra-se da mãe o

acompanhamento do filho nos estudos, ou se a criança tem alguma atitude considerada desrespeitosa aos mais velhos, atribuiu-se a certo afrouxamento da mãe na sua educação. Responsabilidades que, segundo Marcello (2005, p.83), não se restringe só ao período da infância ou adolescência, pois também se culpa a mãe pelas escolhas do/a filho/a adulto/a. A autora, ao tratar do dispositivo da maternidade, analisa alguns discursos pedagógicos que perpassam a escola presentes em textos midiáticos:

Baseadas em uma descrição do que consideram como natural (por exemplo, a sincronia entre mãe e filho), algumas destas teorias pedagógicas manifestam que a tarefa das mães está relacionada com uma forma de educação “indireta e de diligência no que se refere à criação de circunstâncias (emocionais e físicas) que estimulem a aprendizagem de seus filhos e a aquisição de certas características” (WOOLLETT; PHOENIX, 1999, p. 89). Ao mesmo tempo, este discurso é apreendido pelas instituições escolares de forma a considerar que as mães constituem-se, muitas vezes, como “origem dos problemas evolutivos” (WOOLLETT; PHOENIX, 1999, p. 87), conduzindo, assim, a uma fácil culpabilização da mãe, no caso de a evolução de seu filho não se ajustar àqueles níveis referidos.

Por outro lado, quando as mulheres decidem não ter filhos são vistas como um ser incompleto, e há uma série de cobranças que vincula a idade propícia à gestação. É comum as mulheres ouvirem a indagação: *Tem que ter filho logo, pois você está envelhecendo*. O imaginário fantasioso que circunda a maternidade faz a mulher sonhar em ser mãe e projetar um modelo para esse papel, ignorando, às vezes, o desejo de uma formação e de realização profissional. Nesse sentido, Marcello (2005, p.86) chama a atenção para a normativa imposta, que se expressa nos ideais de idade certa para gerar filho e no corpo adequado. A pesquisadora segue argumentando que as marcas da normalidade em cada corpo constituem-se numa estratégia para o funcionamento da norma.

Em um processo de replicação de saberes médicos, legitima-se um certo caráter normativo. Demonstra-se, por meio da ciência, que a mulher-adolescente, preferencialmente, não deve ser mãe, pois sua imaturidade não é apenas de ordem psicológica, mas também relativa a seus ossos, a seu corpo, a suas células. (MARCELLO, 2005, p.86).

Essas idealizações são amplamente difundidas pelos meios de comunicação. Ao analisar uma propaganda vinculada no *YouTube* para comercializar as bonecas da marca *Cotiplás*, podemos perceber que a menina é inserida em um mundo cor de rosa, que exalta a magia e fantasia envolta na maternidade e, ao mesmo tempo, define o tipo de maternidade ideal, a correta. Os atos de cuidar, de amamentar, de trocar a fralda, de cantar para fazer dormir e mostrar a criança com rostinho feliz são impostas pela mídia como

indispensáveis para a vida do bebê. Com isso, vai definindo os padrões de maternidade considerados corretos, normais, como explica Marcello (2005, p.88):

Neste dispositivo, há a necessidade de expor a maternidade em suas diferenças, porque, mesmo minimamente, algumas delas poderão ser consideradas como anômalas ou talvez distorcidas em relação a um padrão. Daí a afirmar que nem todas as modalidades maternas são objetivadas como patológicas ou como não-desejáveis, uma vez que têm suas visibilidades e enunciabilidade ligadas à capacidade ou à probabilidade de incorporarem-se ao tal padrão. Nestes casos, a instauração de uma normatividade materna envolve a objetivação e a organização de sentidos considerados como temporários e móveis, passíveis, portanto, de transformações. (MARCELLO,2005 p.88)

Peças publicitárias de lojas também veiculam referências de maternidade, geralmente branca, com elevado poder aquisitivo, sempre feliz. Nelas se percebe que essa mulher mãe é apresentada como ser que não tem problemas ou dificuldades no cotidiano para cuidar dos filhos. Elas são retratadas com o cabelo arrumado, a roupa limpa, belas e sempre sorridentes, demonstrando um ar de ternura e delicadeza. Em contrapartida, quando nos deparamos com o fato de alguém mostrar uma realidade diferente, quando as mães não conseguem realizar o que foi estipulado pela normatividade, sofrem fortemente pela pressão da sociedade, pois os cuidados consigo mesma se misturam com o cuidado com o filho. Assim, segundo Marcello (2005), pode-se afirmar que as linhas de subjetividade se encontram delineadas por estas estratégias de poder-saber, compondo trajetos que evidenciam para o sujeito-mãe que cuidar de si é, pois, cuidar do outro (do filho).

É importante destacar que a maternidade é colocada para as mulheres como um fato natural, ou seja, um caminho que todas devem seguir e quando alguma mulher se coloca em posição contrária a essa naturalização do destino, causa espanto, como exemplifica a declaração de Maju Coutinho, apresentadora de meteorologia da TV Globo, num programa de rádio:

Eu não tenho vontade de ser mãe. Mas gosto de crianças, porque, às vezes, tem essa ideia [que quem não quer engravidar não gosta de crianças]. Não tem nada a ver. Eu gosto delas e elas gostam de mim. Mas é outro lance, não sei explicar muito bem o que é. Não sinto vontade de ser mãe. É de dentro.

Essa declaração causou espanto e crítica, o que reflete esse processo de normatização que estipula que a maternidade é necessária para mulheres se tornarem completas. Pode-se pensar que essa pressão social também se volta para o profissional da pedagogia que, por estar relacionada aos cuidados e educação da infância, às vezes, se

vincula que para ser uma boa profissional da Educação Infantil precisa também conhecer o universo da maternidade, como Marcello (2005, p 82-83) nesse trecho:

De algum modo, tais papéis evidenciam uma “imbricação entre trabalho doméstico, maternagem e trabalho assalariado” Atuando como responsáveis pela educação de crianças, as professoras “compartilham tarefas, modelos ideais de cuidados e maternagem, características e saberes culturalmente atribuídos a uma natureza feminina” (CARVALHO; VIANNA, 1994, p. 134 e 138).

Nesse sentido, é importante destacar que a caminhada das mulheres mães no espaço acadêmico é atravessada pelas dificuldades geradas pela idealização do papel materno. No cotidiano, os olhares sobre as mães são repletos de julgamentos no âmbito escolar. As mulheres mães são criticadas e vigiadas pelas escolas dos filhos de diferentes formas e por razões diversas. As cobranças incluem desde o processo de amamentação (se, por exemplo, as mães deixaram de amamentar mais cedo, ou se continuam amamentando fora do tempo estipulado) até a organização do material escolar, estereotipando como relaxadas aquelas que não conseguem organizá-las da maneira considerada ideal pela escola. Assim, é importante identificar que as ideias de maternidade ideal estão presentes nos cursos de formação de professores, mesmo que o tema não seja discutido na universidade, como nos faz refletir Marcello, (2005 p.82-83)

Além disso, é importante destacar que o tema da maternidade (ou da maternagem) insere-se também numa discussão mais ampla acerca da formação de professores (em especial, de pedagogas e pedagogos). Na área da educação, há importantes trabalhos que discutem aspectos relativos à indefinição dos diversos papéis exercidos pelas educadoras, bem como a influência mútua de uns sobre os outros. (MARCELLO, 2005, p.82-83)

A autora observa ainda que naturalização da maternidade ideal utiliza-se de discursos que revelam uma estreita conexão entre trabalho doméstico, maternidade e trabalho assalariado.

Na idealização da maternidade, misturam-se o cuidar e o amar, os quais são vistos pela sociedade, tanto pelos homens quanto pelas mulheres, como sendo atribuições femininas de estar atenta e de nutrir todas as necessidades da criança. Já do homem pai espera-se que ele seja o apenas o provedor financeiro, o que não engloba os cuidados diários com o filho, mesmo que a mulher também trabalhe e participe do rateio das despesas familiares.

Outra questão que impacta na vida das mulheres, mães e universitárias é a ideia de que a maternidade, a decisão de ter um filho, só pode acontecer se for uma ação

planejada, ou seja, com as condições materiais ideais. Porém, esse não é o padrão de todas as mães estudantes, o que faz com que muitas mulheres acreditem que, ao se tornarem mães, não é mais possível continuar com os estudos, o que de certa forma responsabiliza pelas suas faltas de condições materiais de conciliar a maternidade com os estudos acadêmicos.

Por fim, cabe destacar que esse modelo de maternidade está vinculado com a cultura patriarcal que, por um longo tempo, delegou ao sexo frágil o papel dos cuidados com a família e as funções no espaço doméstico, como destaca Magalhães (1980, p. 130).

Acho que a primeira e fundamental razão, da qual derivam todas as outras, é o tratamento tradicionalmente desigual entre a mulher e o homem. Criou-se a imagem da mulher como um ser fraco, dependente, submisso, cuja principal função é criar filhos. Lutar contra essa tradição de milênios não é fácil. Talvez eu pudesse ir mais longe e perguntar: por que essa tradição? Penso que a origem remota da sociedade patriarcal só pode ser a força física que o homem sempre teve maior que a mulher. Foi daí, dessa superioridade muscular, que a desigualdade começou. Mas este é outro problema.

Ao papel da mulher e mãe também se coloca o machismo estrutural, estabelecendo um jogo de superioridade e inferioridade, normalizando a visão de que o cuidar dos filhos é uma atividade menor, que cabe unicamente a mulher. Vale destacar que entendemos o machismo como algo estrutural pela sua presença permanente e sistemática nas relações sociais, políticas, jurídicas e econômicas, naturalizando-o. Daí a dificuldade para entendê-lo como tal.

É importante ainda destacar que a maternidade não é vivenciada de uma única forma e suas trajetórias na universidade também se diferenciam. As que não contam com o apoio familiar, do pai da criança ou de parentes, e que enfrentam dificuldades financeiras, e ainda as que têm que enfrentar o racismo, são desafiadas cotidianamente a superar os preconceitos e as desigualdades estruturais, para conseguir concretizar o sonho de concluir uma formação superior.

3 SER MULHER, MÃE E UNIVERSITÁRIA NAS NARRATIVAS DAS/OS ESTUDANTES – ESBOÇANDO ANÁLISES

Para compreender as narrativas sobre a trajetória de mulheres, mães e universitárias no Curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), buscamos ‘ouvir’ tanto as estudantes mães quanto os/as demais alunos/as, por entender que entre esses se estabelecem relações diversas no cotidiano na convivência em sala de aula quando, por exemplo, é necessário elaborar trabalho em grupo ou solicitar aos/as docentes ampliação de prazo para entrega de trabalhos. Portanto, a vivência da maternidade atravessa a todos os que estão compartilhando essa caminhada acadêmica.

Em relação à metodologia de produção de dados, aplicamos entrevistas abertas, com as seguintes questões: a). Para você, o que é ser mãe mulher e universitária? b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade? E para mapear a diversidade dos entrevistados, solicitamos que identificassem se eram mães ou não, a identidade de gênero e o semestre que estavam cursando.

Com o intuito de alcançar o maior número de alunos, elaboramos um instrumento de divulgação, cartazes convidando os/as alunos a participarem da pesquisa, juntamente com as entrevistas, envelopes e canetas para que as pessoas pudessem responder e depositar em uma caixa, a fim de resguardar o sigilo da resposta. Esse material foi distribuído nos diversos espaços do Centro de Ciências da Educação (CED) - salas de aulas, vão de entrada do bloco A e corredores - entre os dias 6 e 10 de maio.



Figura 01 - Material de divulgação da pesquisa



Figura 02 - Entrada do CED – Divulgação e coleta de entrevistas

Além disso, fizemos divulgação com diferentes ferramentas. Apresentei a pesquisa nas salas de aulas e solicitei a participação dos alunos. Divulguei o cartaz na minha página pessoal do *facebook* e do *instagram* e enviei mensagens nos grupos do *WhatsApp*.



Figura 03 - Divulgação na página da internet

Também entrei em contato com o Centro Acadêmico Livre de Pedagogia (CALPE), entidade representativa dos estudantes, solicitando a divulgação da pesquisa na página do *facebook*. É importante destacar que não obtive êxito nessa solicitação, talvez por algum descuido ocasional, pois é difícil pensar na possibilidade de que esta temática poderia não ser considerada relevante para a entidade. Por outro lado, também é possível pensar que as reivindicações das mães não estão sendo encaminhadas ao CALPE, o que aponta para a não participação das estudantes mães nos espaços de organização dos estudantes. Nesse sentido, ao abrir diálogo com o coletivo de mães, foi relatada a inexistência de representantes de estudantes do curso de Pedagogia no movimento.

3.1 Das/os participantes da pesquisa

De acordo com a coordenação do curso de Pedagogia da UFSC, atualmente há 410 alunos regularmente matriculados. Deste total, 371 são mulheres, o que corresponde a 90,48%, e 39 são homens, representando 9,52 % dos estudantes. Dado que aponta a presença massiva de mulheres no curso.

Em relação à pesquisa, contamos com a participação de 31 pessoas. Destas, 29 pessoas eram estudantes da graduação de Pedagogia, uma pessoa identificou-se como graduada e outra, como estudante de mestrado. Ao cruzar essas informações, verifica-se que participaram da pesquisa 7% do total de alunos matriculados na Pedagogia.

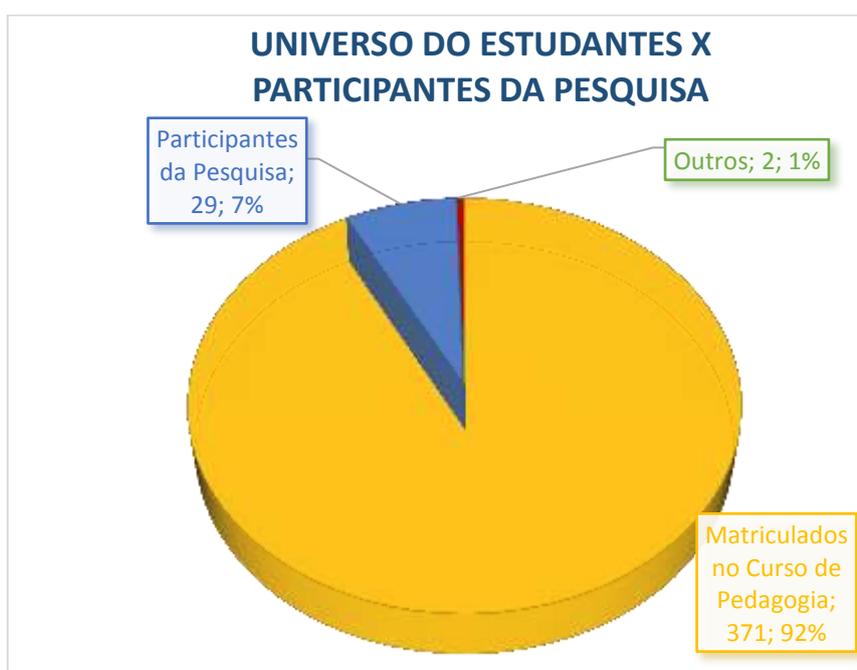


Figura 04 – Estudantes da pesquisa

No que diz respeito ao gênero, 27 se autodeclararam com a identidade de gênero feminino (87%); 3 com a masculina (10%); e uma pessoa respondeu a opção outros (3%).

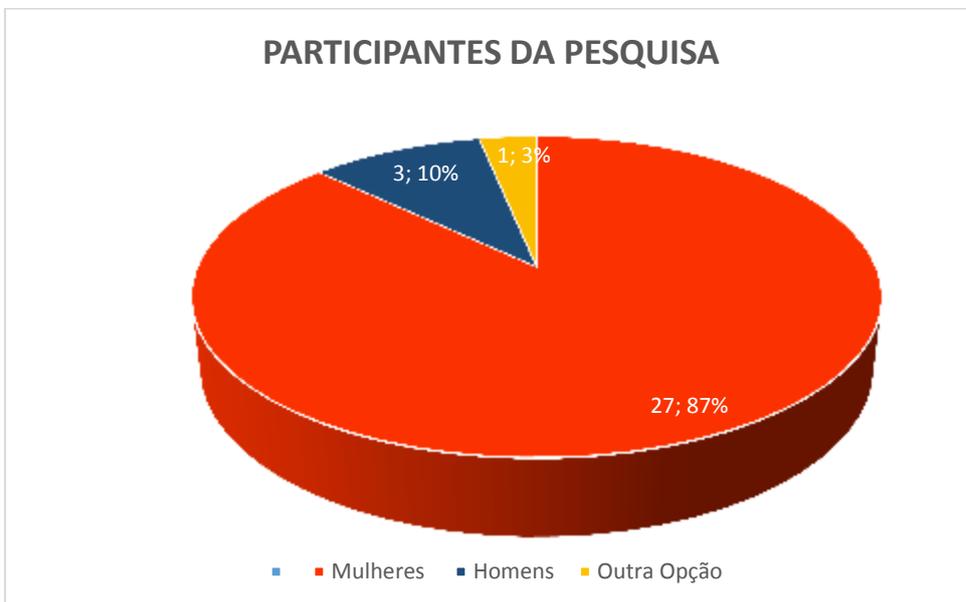


Figura 05 – Gênero das/os participantes

Ao cruzar os dados entre as alunas mulheres matriculadas com o do número de participantes na pesquisa, verifica-se que correspondem a 7% do total. Já em relação aos homens, percebe-se que o percentual dos que responderam ao questionário equivale a 7% dos matriculados. Diante dos dados, verifica-se que há certo equilíbrio entre os homens e mulheres matriculados/as e os participantes da pesquisa.

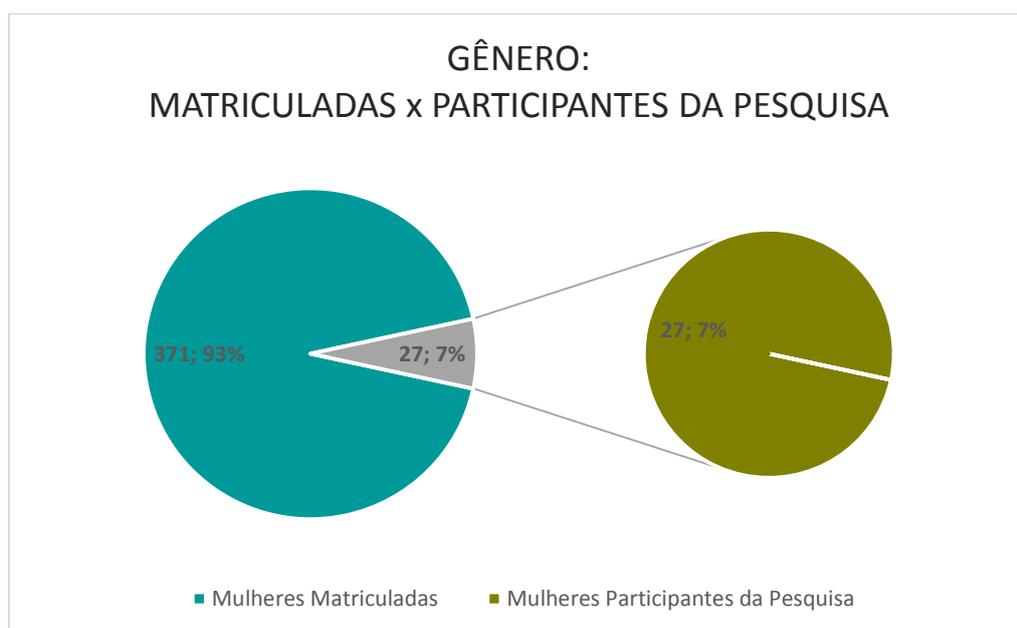


Figura 06 – *Mulheres matriculadas X Mulheres participantes*Figura 07 – *Homens matriculados X Homens participantes*

No que se refere à questão da maternidade, identificamos que, dos 31 entrevistados, 11 pessoas são mães, o que corresponde a 35,48% e 17 mulheres não são, totalizando 54,83%.

Em relação ao semestre que estudantes estavam cursando, verifica-se que a pesquisa contou com alunos/as nas diferentes fases do curso, sendo 5 estudantes da primeira fase; 1 da segunda fase; 11 da terceira fase; 3 da quarta fase; 2 pessoas da sexta fase; 2 da oitava fase; 2 da nona fase; 03 pessoas estavam em múltiplas fases. Além dos alunos da graduação, também respondeu uma pessoa já graduada e no mestrado.

Pode-se pensar que no que concerne o curso de graduação, o percentual de estudantes que se mobilizaram para responder é pequeno 7%, se considerarmos a relevância do tema para o curso de Pedagogia, visto que os graduados irão atuar na Educação Infantil e no primeiro segmento do Ensino Fundamental, ou seja, a atuação profissional está diretamente relacionada com a infância e a maternidade, portanto estabelecem relação com as mães dos estudantes. Por outro lado, pode-se pensar que contamos com a participação das não mães e dos homens, fato que consideramos importante, visto que a maternidade é atravessada pelas relações de gênero. Por fim, é importante destacar que seria importante que a coordenação do curso de Pedagogia tivesse o mapeamento do número de mães para que se pudesse ter um levantamento do número de

mulheres mães e universitária, o que poderia contribuir na compreensão das necessidades e demandas dessas alunas.

3.2 Das narrativas

Para compreender a percepção de cada um dos sujeitos sobre a temática da Pesquisa, dividimos nossa análise a partir das categorias que mobilizamos para discutir a problemática – Mulher, Gênero e Maternidade e pelos marcadores sociais de mães e não mães.

3.2.1 Sobre ser mulher nas narrativas das estudantes mães

Em relação ao grupo das mães, no que diz respeito à categoria mulher percebe-se que há uma naturalização das diferenças que se constitui entre homens e mulheres a partir do sexo biológico. Pode-se identificar que as alunas mães incorporam as atribuições que a sociedade impõe às mulheres como uma questão delas, ou seja, individual, que não está relacionada com as relações sociais, como expressa o depoimento abaixo.

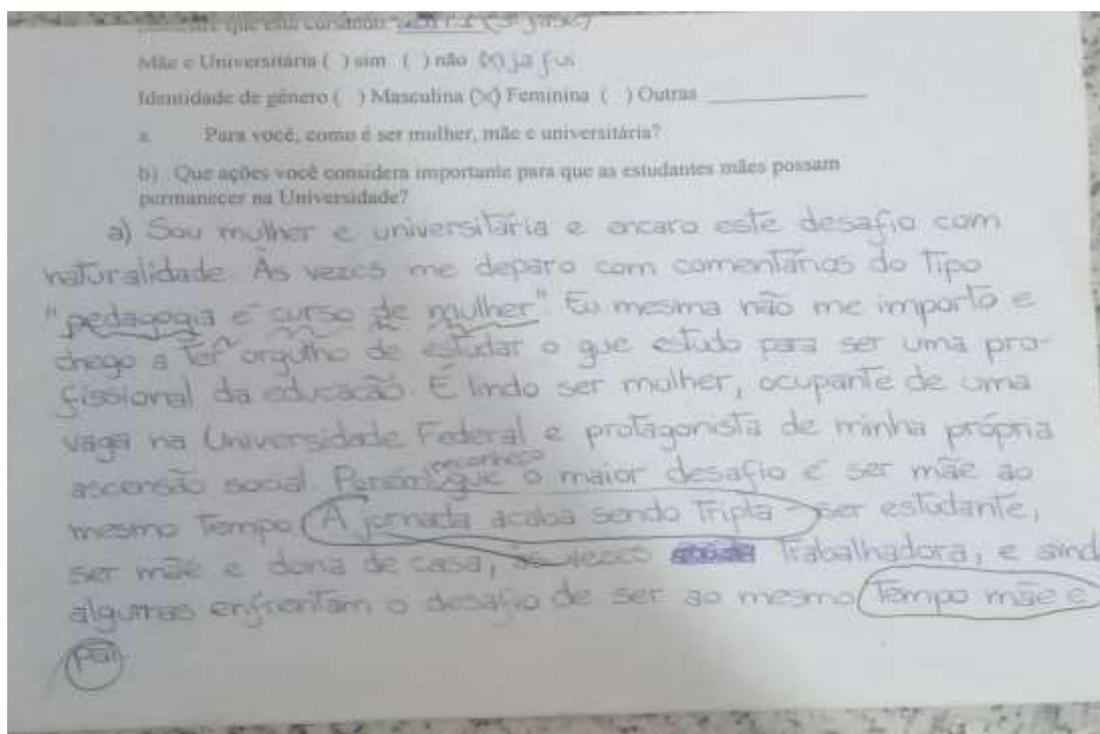


Figura 08²

² Na numeração destas figuras produzidas nas quais contêm os textos produzidos pelas/os estudantes optamos por não elaborar um título para cada uma delas, pois receávamos direcionar demais as leituras dos mesmos.

Verifica-se nesse depoimento um tom ambíguo: ao mesmo tempo em que, mostra um movimento de posituação da identidade feminina, há certa romantização desse discurso, como podemos ver no trecho: “*É lindo ser mulher, ocupante de uma vaga na Universidade Federal*”. O orgulho de estudar em uma universidade federal para se tornar uma profissional da educação também pode ser interpretado dessa maneira. Parece-nos que esta romantização é mais saliente na frase inicial da sua resposta, ao dizer que encara este desafio com naturalidade. No entanto, sabemos que tudo o que envolve este percurso das mulheres universitárias e mães não é natural, tratando-se, portanto, de uma construção histórica cultural que envolve jogos de força e disputas sociais muito complexas.

Ao se referir a questões específicas que se interpõe na sua caminhada de mulher, mãe e universitária, com a tripla jornada de trabalho, na qual se integra o cuidado com os filhos, não há referência ao machismo, e a inexistência de divisão nas tarefas domésticas, que impacta a vida das estudantes que estão vivenciando a maternidade. Também esse depoimento indica que o sistema educacional parece incorporar com naturalidade a “Pedagogia ser um curso de mulher”, fato que não é questionado pela entrevistada.

Outra questão importante de ressaltar é de que ‘a mulher’ não é uma categoria abstrata, pois há condições econômicas e sociais que impactam de diferentes formas e faz com que a caminhada na graduação seja diversa. Assim, percebemos que há mulheres mães que têm condições de estabelecer outras relações com o percurso acadêmico.

Nome: _____
 Disciplina que está cursando: _____
 Mãe e Universitária sim () não
 Identidade de gênero () Masculina Feminina () Outras _____
 a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?
 b) Que ações você considera importantes para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a. Pelo meu momento de vida, filhos jovens-adultos; aposentada; estudando para meu projeto de atividade comunitária, ser mulher, mãe e universitária está muito relacionado ao meu foco. Todos estes meus papéis tem me ajudado a não apertar o peito, na busca do conhecimento e na minha realização pessoal, nos 30 anos de minha vida.

b. Organização e priorização nos assuntos relacionado aos seus papéis de mãe

Figura 09

Identifica-se nesse depoimento que não há necessidade dessa mulher mãe conciliar as tarefas domésticas e os cuidados dos filhos com o percurso universitário. A atual fase da vida dessa estudante – aposentada, com filhos jovens e adultos - a possibilita centrar-se no seu foco, um projeto de atividade comunitária. Chama a atenção para o fato de as identidades de mãe e mulher que lhe são atribuídos socialmente serem vistas como aspectos positivos que a ajudam na aprendizagem. Por outro lado, o seu olhar está restrito a ela mesma, pois a maior parte das alunas ressalta que conciliar os diferentes papéis é difícil. Pode-se pensar que, no posicionamento da aluna não há ênfase na perspectiva de gênero, as representações sociais que são atribuídas a homens e mulheres. Perspectiva que está presente em ambos os depoimentos, pois não há um questionamento acerca da representação da mulher enquanto um ser que procria e tem a responsabilidade de cuidar dos filhos, e a figura masculina sequer é citada, o que invisibiliza os diferentes papéis que são atribuídos a cada um dos sexos, masculino e feminino, na divisão de tarefas. Nesse sentido, Louro (1997, p.21) nos chama a atenção que a sociedade determina o que é função das mulheres e dos homens, às quais são incorporadas tanto pelos sujeitos quanto pelas instituições, o sistema educacional, ressaltando a importância de se contrapor a esses discursos.

É imperativo, então, contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então, através de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 1997, p.21)

As vivências das mulheres na universidade são diferentes, diferenças que perpassam pelas questões de raça, de classe, que também atravessam o papel de mãe. Verifica-se, nesse sentido, a importância do movimento feminista, quando traz para o debate essas questões, como representa o depoimento a seguir:

Semestre que está cursando: 5

Mãe e Universitária sim () não

Identidade de gênero () Masculina Feminina () Outras: _____

a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a) Ser mãe sozinha, acredito que isso aumenta ainda mais muitas dificuldades em relação a Universidade. Meu filho frequenta uma creche de sete meses período apenas, demandando minha atenção total no período do manhã, noite (de km 2 qntos) que é impossível estudar ~~com~~ com ele.

Sou mulher negra, perfeccionista, mãe sozinha. Trabalho ativamente, não por condições financeiras por adquirir um computador, e não consigo utilizar os laboratórios de informática da UFSC pq tenho que trazer meu bebê. Faço meus trabalhos pelo celular.

Figura 10

Nesse sentido, Louro (1997 p.52) aponta que ao se referir a um grupo de mulheres, há distinções na qual cada uma experimenta esta identidade de gênero de forma diferente e enfrentando diversos preconceitos. Movimento que ganha corpo na terceira onda do feminismo.

De forma crescente, paisagens políticas do mundo moderno são fraturadas por identificações rivais e deslocantes — advindas, especialmente, da erosão da "identidade mestra" da classe e da emergência de novas identidades, pertencentes à nova base política definida pelos novos movimentos sociais: o feminismo, as lutas negras, os movimentos de libertação nacional, os movimentos antinucleares e ecológicos (LOURO, 1997, p.52)

A partir desses depoimentos, é importante destacar que não há uma mulher abstrata a partir da qual se possa pensar a situação da mulher na universidade. Para o curso de Pedagogia, penso ser importante colocar e ampliar a discussão sobre as questões de gênero e raça e outros marcadores sociais que diferenciam as trajetórias das alunas.

3.2.2 Sobre ser mulher nas narrativas dos estudantes e das estudantes não mães

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas do grupo de não mães, verificamos que também há posicionamentos que naturalizam os papéis delegados às mulheres pela

sociedade, tais como os de esposa e mãe. Nesse sentido, pode-se pensar que o discurso de muitas mulheres é constituído pelo machismo. Assim, tendem a reforçar os estereótipos que são construídos desde a infância na família, reforçando a ideia de que as mulheres devem atuar no espaço privado, dar conta das atividades domésticas, e aos homens, é destinado ao espaço público, ao sustento da família. Posição que faz com que, muitas vezes, não se enxergue o machismo, como expresso no depoimento abaixo.

PESSQUISA: TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC.

Semestre que está cursando: 2º

Mãe e Universitária () sim (x) não

Identidade de gênero () Masculina (x) Feminina () Outras _____

a) Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a) Para mim é normal ser mulher e universitária, pelo menos consigo, mesmo ocorrendo as atividades machistas dentro do campus

Figura 11

Mesmo que em menor número, há depoimentos que trazem para o debate temas relevantes para o ser mulher, como o patriarcado, colocando no debate questões que estruturam as relações de gênero, como podemos ver na imagem seguinte:

Semestre que está cursando: 3º semestre

Mãe e Universitária () sim (x) não

Identidade de gênero () Masculina (x) Feminina () Outras _____

a) Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a. Ser mulher e estudante é um desafio de patriarcado. Nas mulheres temos a função de esposa, mãe e aluga que a sociedade acha que devemos sempre ser esses. Mas também há mulheres como eu. Que não desiste de lutar a vai contra o machismo nas universidades. Não sou mãe, mas imagino que a gestão de quem é mais errado e defeio.

Figura 12

Na perspectiva dessa estudante, a mulher precisa lutar cotidianamente contra o machismo na universidade, portanto aponta para uma questão estrutural e não apenas de um indivíduo. Por outro lado, quando se reporta a trajetória da mulher mãe na universidade afirma que não é mãe e por isso só pode pensar que a rotina é mais corrida, mas não aponta que tal correria é decorrente, em grande medida, das relações desiguais entre homens e mulheres. Isso pode apontar para a pouca visibilidade que a questões da maternidade, desperta nas outras mulheres. Pode-se pensar ainda que, mesmo que a/o aluna/o não tenha vivenciado a experiência da maternidade, sua trajetória na universidade é atravessada por alunas mães.

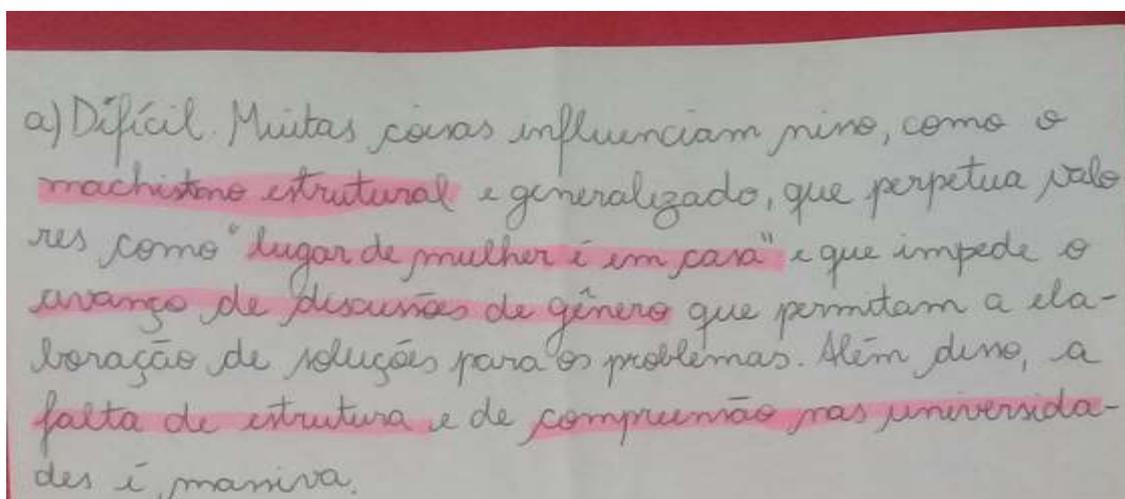


Figura 13

Nesse outro depoimento, percebe-se que há um olhar ampliado para as questões gênero, as relações diferentes que se estabelece entre homens e mulheres, que segundo Louro (1997), trata-se da incorporação de papéis sociais a partir do sexo biológico. O que chama a atenção nesse depoimento é o fato de ser uma posição de um aluno do sexo masculino, que foi um dos poucos entrevistados que apontou o machismo enquanto um problema estrutural, que perpetua ideais como "lugar de mulher é em casa", fato que impede o debate sobre o problema. Ele ainda aponta a falta de estrutura da universidade para atender o público de mulheres mães.

As reflexões de Louro (1997, 2008) nos ajudam a pensar que é necessário discutir e aprofundar a construção dessa categoria mulher para avançarmos nas discussões e que para isso é preciso

[...] recolocar o debate no campo do social, pois é nele que se constroem e se reproduzem as relações (desiguais) entre os sujeitos. As justificativas para as desigualdades precisariam ser buscadas não nas diferenças biológicas (se é que mesmo essas podem ser compreendidas fora de sua constituição social), mas sim nos arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas de representação (LOURO, 1997, p.22).

Já, Robert Connell (1995, p. 189) chama a atenção para a caracterizações do corpo, visto que “no gênero a prática social se dirige aos corpos. O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são ‘trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico’”.

Diante do exposto, podemos pensar que discutir essas questões no curso de Pedagogia é necessário e urgente, visto que as visões estereotipadas de gênero irão repercutir tanto nas relações que os futuros profissionais estabelecerão com as mães dos seus alunos, quanto na sua prática educacional.

3.2.3 Sobre ser mãe e universitária para as estudantes mães

No que se refere ao grupo das mães, percebe-se que a representação da maternidade, além de envolver a obrigatoriedade com o cuidado com filhos, expressa certa culpa, a sensação permanente de que em algum momento se pode falhar, como expressa essa narrativa:

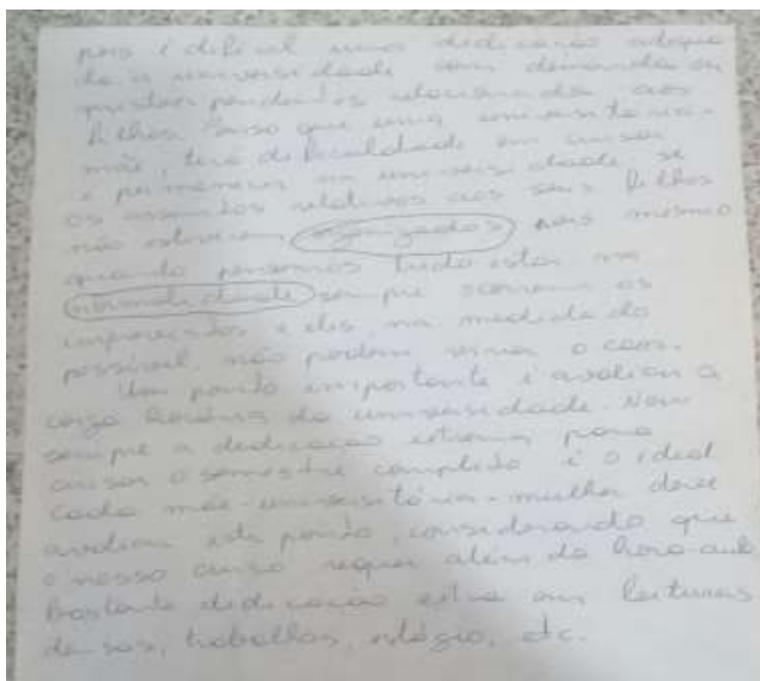


Figura 14

Tal fato parece levar as alunas mães a tentar equacionar não só as necessidades materiais dos filhos, mas também parece envolver toda uma questão afetiva, visto que assuntos com os filhos precisam estar organizados, mas sempre acontecem imprevistos que quebram a normalidade, situação que as levam a tentar administrar uma espécie de caos.

Outra abordagem que foi recorrente nas narrativas das mulheres mães foi a associação entre **maternidade e desafio** [grifo nosso], o que leva as mulheres a terem que “se virar nos 30”. Nesse sentido, parece que a representação do ser mãe, é uma questão individual que cabe exclusivamente a cada mulher ‘dar conta’. Este entendimento prejudica o avanço de debates sobre políticas de apoio às mulheres mães, tanto por parte do poder público nas esferas federal, estadual e municipal, quanto por parte das instituições, como é o caso da UFSC. A inexistência de apoio familiar é outro tema recorrente, o que por um lado mostra a trajetória solitária das mães, mas também parece diluir os homens, os pais, nas suas narrativas, como coloca a aluna mãe, no depoimento abaixo.

Semestre que está cursando: 6º

Mãe e Universitária () sim (X) não

Identidade de gênero () Masculina (X) Feminina () Outras _____

2. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a) Ser mulher, mãe e universitária é um **de desafio**. As mulheres sofrem diariamente com **machismo estrutural** da sociedade e na maioria das vezes não tem **auxílio da família**, um pai e cada vez menos auxílio do estado. **Universidade não recebe bem as estudantes**, ignora suas condições de mãe. É a **mãe solteira** que que se virar nos 30.

Figura 15

É importante destacar que a acadêmica também aponta o machismo estrutural como uma razão central nesse isolamento e responsabilização, e mostra ainda, que essa condição é sentida no ambiente da universidade. A maior parte das mães tendem a incorporar a tarefa do cuidado como um dado natural, não questionando as representações

da maternidade que lhes são impostas. Nesse sentido, Marcello (2005, p.83) nos ajuda a compreender como essas percepções sobre a maternidade são construídas:

Baseadas em uma descrição do que consideram como natural (por exemplo, a sincronia entre mãe e filho), algumas destas teorias pedagógicas manifestam que a tarefa das mães está relacionada com uma forma de educação “indireta e de diligência no que se refere à criação de circunstâncias (emocionais e físicas) que estimulem a aprendizagem de seus filhos e a aquisição de certas características”. (WOOLLETT; PHOENIX, 1999, p. 89).

Essa questão da sincronia entre mãe e filho como um dado natural aparece em vários depoimentos, mostrando que a caminhada na graduação da mulher mãe está relacionada ao bem-estar do filho. Para algumas, essa necessidade de sincronia é tanto uma dificuldade, como o motivador para continuarem a vencer os obstáculos, como coloca a entrevistada abaixo:

PESSQUISA: TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC.

Semestre que está cursando: 2º semestre

Mãe e Universitária sim () não

Identidade de gênero () Masculina Feminina () Outras _____

a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

(a) As vezes não é nada fácil estar estudando com uma criança, mas o que seria de mim sem minha pequena sem meus pequenos. Mesmo passando por momentos difíceis moro com eles, os meus lados que encontro forças por continuar.

Figura 16

Nesse sentido, Marcello (2005, p.91), nos ajuda a pensar que diante da situação difícil que se coloca para as mulheres que têm filhos continuar o percurso acadêmico, se naturaliza os abandonos, quando a aluna mãe desiste de continuar os estudos para cuidar dos filhos, discurso que é incorporado pelas próprias mulheres. No fragmento a seguir a autora nos mostra orientações de caráter prescritivo em textos jornalísticos de revistas:

No caso especial entre maternidade e vida profissional, para a mãe que gera um filho quando o outro ainda é pequeno, “o melhor a fazer é ‘abrir um parênteses’ – sem culpa – para se dedicar aos filhos, pelo menos, nos seus primeiros anos de vida” (UM BEBÊ..., 2001, p. 33). As linhas de força, devidamente organizadas e distribuídas pelas curvas de visibilidade e pelos regimes de enunciabilidade, permitem que estes ditos individuais transformem-se em práticas normativas – afinal, é também esse o objetivo da norma: tornar o particular universal. A relação entre maternidade e trabalho, transformada em norma, é legitimada com esta explicação: “quem tem dois bebês geralmente sai de cena por três anos. Os dois primeiros, para adaptar o primeiro filho à rotina e último, para adaptar o segundo [filho]” (UM BEBÊ..., 2001, p.33). Ou seja, não basta dizer que a mãe deve dispensar sua vida profissional em favor dos filhos: há que ser feita uma explicação plausível, lógica, para tanto. (MARCELLO, 2005, p. 91)

A situação de ter que renunciar aos estudos para cuidar dos/as filhos/as pequenos/as foi vivenciada por mim durante a graduação, e é uma realidade comum na vida de muitas mulheres. Tal prática passa a ser comum e vira uma norma, como pontua a autora e, toda a sociedade passa a tratá-la como uma prática correta para aquelas que querem ser uma ‘boa mãe’. Nesse sentido, seria importante pensar que os abandonos das mães no curso de Pedagogia, que são tratados como uma ação corriqueira que, pertence ao universo da maternidade, integram os papéis e as representações que são construídas para as mães. No meu caso, a decisão de trancar o curso para cuidar do meu filho, foi vista pela minha família como uma ação correta, e o errado seria continuar estudando, o que seria visto como um abandono do meu filho.

3.2.4 Sobre ser mãe e universitária nas narrativas de estudantes não mães

Uma primeira questão abordada pelo grupo de não mães e que chama a atenção deve-se ao fato de algumas delas não conseguirem discutir o que representa ser mãe na trajetória universitária, por não ter vivenciado a maternidade, como coloca a imagem abaixo.

Semestre que está cursando 3º
 Mãe e Universitária () sim (X) não
 Identidade de gênero () Masculina (X) Feminina () Outras _____
 a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária? Não sei mãe
 b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?
Que elas possam drojar os filhos para o ombreira de necessitados e eu vou ajudar para os mesmos permanecerem no espaço de estudo.

Figura 17

Ora, se pensarmos que há uma relação direta entre maternidade e mulher, podemos supor que as/os estudantes vivenciaram diversas dessas questões no ‘papel’ de filhas, e também continuam a conviver em diversos espaços com mulheres mães. No entanto, em alguns depoimentos, notamos que a temática é tratada numa perspectiva de distanciamento, como se isso não dissesse respeito às alunas não mães, ainda que o curso seja fortemente marcado por atravessamentos de gênero, seja na sua concepção epistemológica, seja na composição do quadro docente e discente, sem falar que temos muitas professoras e alunas mães. Parece, que falta empatia, mesmo quando algumas apontam o machismo estrutural como uma questão que dificulta tanto a vida das mulheres universitárias, quanto a das mulheres mães universitárias.

Em contrapartida, muitas apontam a falta de auxílio da família e do poder público para apoiar a trajetória das estudantes mães. Mas, por outro lado, não abordam as responsabilidades do homem em relação ao cotidiano, o que invisibiliza, mesmo que sem apagar totalmente, como pontua Marcello (2005, p.94), ao dizer que no conjunto de discursos e práticas sociais que produzem a maternidade, não há um completo apagamento da figura paterna. “Antes disso, tratasse de dar visibilidade e renunciabilidade a esta figura, à medida que seu comportamento pode ser usado para pôr em funcionamento a materna.”

Na maior parte dos discursos das alunas não mães, o papel da mãe está atrelado a **força e energia** [grifo nosso]. Assim, para que essas alunas consigam concluir o percurso da graduação precisam ser fortes. Ou seja, se a estudante mãe tem força, ela consegue. Mas se não, ela desiste, como expressa esse depoimento.

Semestre que está cursando: 2º/1 - 1ª Turma
 Mãe e Universitária () sim (x) não
 Identidade de gênero () Masculina (x) Feminina () Outras _____

a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

→ a-) Ser mãe algo que demora apenas
 fazer, então ~~essa~~ começa que não não para
 parar. São amigos que desanimam e facultade
 mas não fazem uso interna por depois que desanimam
 para manter ela e o filho

Figura 18

Tal percepção contribui para a construção da figura da mãe como a única responsável pelo cuidado com os filhos. E mesmo quando algumas citam a necessidade de que ela tenha algum apoio, o atributo da força é trazido como uma característica necessária para que as mulheres mãe, possam vencer as dificuldades que se colocam na caminhada universitária.

PESSQUISA: TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES MÃES NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UFSC.

Semestre que está cursando: 3º fase
 Mãe e Universitária () sim (x) não
 Identidade de gênero () Masculina (x) Feminina () Outras _____

a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

a) não sou mãe mas imagino que conciliar a vida de mãe com a vida universitária não é nada fácil, exige muita energia, força e apoio. Eu sendo uma universitária e mulher, tenho dificuldades de conciliar a Universidade, casa e trabalho.

Figura 19

Conclui-se, assim, que o dispositivo da maternidade, como coloca Marcello (2005), que diz como as mulheres devem constituir esse ‘papal’ de mãe, que é divulgado pela mídia de forma muito efetiva e nos diversos espaços, é reproduzido pelas alunas mães e

não mães. O que aponta, mais uma vez, para a importância de se debater as questões de gênero no curso de Pedagogia.

3.3 Da permanência das mulheres mães na universidade

Nesta seção apresentaremos a análise das respostas para a segunda pergunta da entrevista, a saber: Que ações você, considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na universidade? A maior parte das respostas faz referência às dificuldades de conciliar a maternidade, com as demandas da vida acadêmica. Se por um lado, notamos entre as universitárias não mães certo distanciamento e/ou fragilidade nas narrativas sobre a questão da maternidade, por outro, percebemos que todas elas se pronunciaram favoráveis às necessidades de algum tipo de atenção para elas.

Nas respostas das **estudantes mães**, há sugestões de algumas mudanças no Curso de Pedagogia, tais como a avaliação da carga horária, integrando a modalidade a distância como uma alternativa, como expressa a narrativa abaixo.

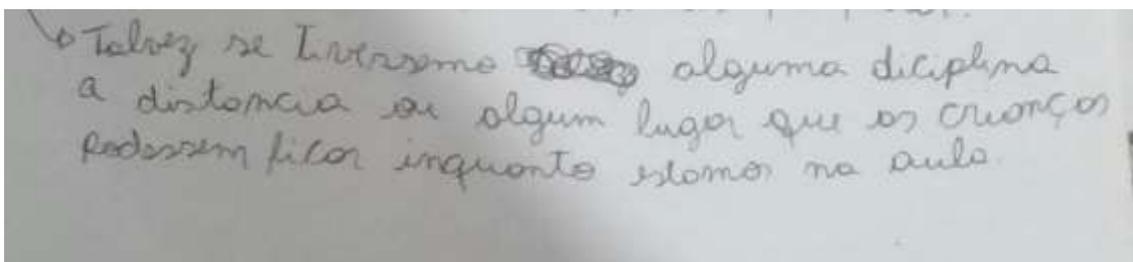


Figura 20

É recorrente nas respostas das **estudantes mães**, a responsabilização da UFSC para garantir as suas permanências, por meio de oferta de vagas no NDI, no Colégio Aplicação, como podemos ver no excerto a seguir:

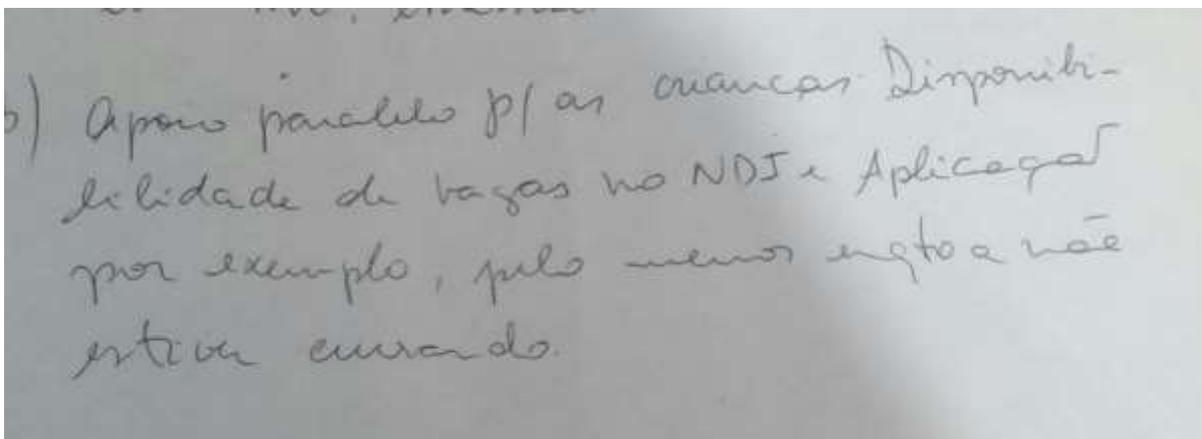


Figura 21

Há também as que apontam a necessidade de auxílio financeiro. Esta ideia é mais presente entre as estudantes **não mães**, sugerindo-nos que nos dois grupos pode haver um desconhecimento de que há políticas de assistência da UFSC de auxílio financeiro para as mães de baixa renda. Também podem indicar a insuficiência delas.

Entre as/os as/os universitários/as **não mães**, foram enfatizadas duas possibilidades de ação: 1) O auxílio financeiro, como já comentamos; 2) Apoio psicológico. Vejamos no fragmento abaixo:

Semestre que está cursando: 01

Mãe e Universitária () sim - não

Identidade de gênero () Masculina Feminina () Outras _____

a. Para você, como é ser mulher, mãe e universitária?

b) Que ações você considera importante para que as estudantes mães possam permanecer na Universidade?

auxílio financeiro e principalmente psicológico

Figura 22

Ao analisar essa narrativa, percebe-se que o atendimento psicológico sugerido nos leva a pensar que as estudantes mães necessitam de ‘terapia’ ou similares para poder conseguir se manter na universidade. Assim, perguntamos, se o auxílio financeiro e psicológico resolveria os problemas estruturais produzidos pelo machismo, que não se restringe aos tempos e espaços em que elas estão na universidade. Parece-nos importante perguntar sobre o que leva as estudantes não mães a sugerir tal atendimento. Cabe, perguntar, ainda, se esta sugestão poderia estar associada a concepção de maternidade como sofrimento e até mesmo como algo que ‘patologiza’ as mulheres.

Há ainda as que apontam, além das questões supracitadas, a necessidade de ter um espaço na universidade para receber as crianças, como podemos ver abaixo. Vale ressaltar que boa parte das respostas fez referência a esta possibilidade.

b) Há uma grande necessidade de ter um espaço para receber as crianças, muitas das mães não têm com quem deixar seus filhos e por isso aquelas que engastam no processo um apoio psicológico e pedagógico.

Figura 23 – Imagem O

Outras/os estudantes **mães** e **não mães** colocam, enquanto uma ação fundamental, a compreensão dos professores para casos em que as crianças são levadas para a sala aula por não terem onde ficar, e também para com os trabalhos, como expressam as narrativas abaixo.

Não sabemos apontar ações efetivas que a um momento poderia exercer p mo quadro, quanto a todos as mães.

(Um pouco de compreensão) por parte dos professores
 fez ser um bom começo!

Figura 24

b) não sou mãe, mas acredito que haja reuniões comunitárias os professores a entenderem que, às vezes, as mães não conseguem deixar seus filhos com alguém e precisam levá-los para as aulas. Seria interessante uma comissão de conciliação, ou até mesmo um espaço para que as mães deixem seus filhos com segurança.

Figura 25

E mesmo aquelas que ampliam o debate, apontando para a necessidade de ampliação de espaços fora do âmbito da universidade, como transporte público, creches, trazem a questão do apoio terapêutico como uma das questões essenciais como coloca a entrevistada abaixo.

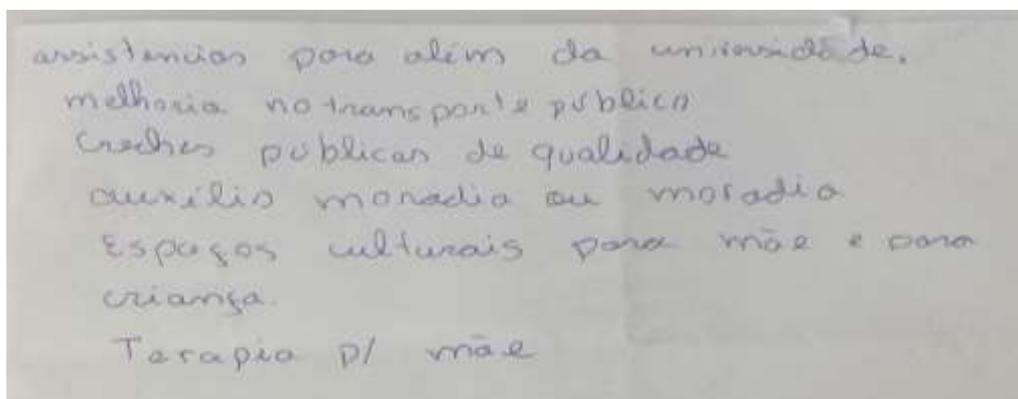


Figura 26

Ao analisar as ações indicadas tanto pelas estudantes mães quanto pelas não mães e pelos homens do curso, percebe-se que as discussões ficam restritas ao peso da maternidade para as mulheres. Nos depoimentos das mulheres mães, por exemplo, a maior parte coloca que a grande dificuldade se dá no processo de conciliação das demandas da maternidade e da universidade, ou seja, as tarefas domésticas cotidianas. E, obviamente, a falta de vagas na creche ou o ainda o período curto, de meio turno, dos filhos na creche, ou a inexistência de espaço para deixar os filhos na universidade são importantes. Por outro lado, não se percebe um questionamento sobre a sobrecarga que recai sobre as mulheres mães universitárias como uma construção que perpassa para as discussões sobre as questões de gênero. Nesse sentido, Louro (1997, p 70), ao analisar gênero em livros didáticos, coloca questões que podem ser transpostas para o tema deste estudo, pois são importantes para ampliar os horizontes sobre a maternidade:

Muitas dessas análises têm apontado para a concepção de dois mundos distintos (um mundo público masculino e um mundo doméstico feminino), ou para a indicação de atividades "características" de homens e atividades de mulheres. Também têm observado a representação da família *típica* constituída de um pai e uma mãe e, usualmente, dois filhos, um menino e uma menina. As pesquisas identificam ainda, nesses livros, profissões ou tarefas "características" de brancos/as e as de negros/as ou índios; usualmente recorrem à representação hegemônica das etnias e, frequentemente, acentuam as divisões regionais do País. A ampla diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade de atividades exercidas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, as solidariedades e os conflitos são comumente ignorados ou negados. (LOURO, 1997, p. 70).

A partir dessa reflexão da autora, percebo que ao trazer a temática da maternidade e debater com os alunos do curso de Pedagogia, parece haver certa perspectiva que aponta para mundos diversos, ou seja, o da mulher, e do homem. Mas também entre as estudantes se colocam mundos diversos, entre aquelas que são mães e as que não. Apenas em um depoimento foi colocada de forma efetiva a questão de raça e classe, ou seja, que nas trajetórias das mães há diversos arranjos familiares que as impactam de diferentes formas. Ao abordar as ações que seriam importantes para que as alunas mães pudessem permanecer na universidade, a maioria das propostas se resumiram as ações pontuais, envolvendo apenas o espaço acadêmico, sem ampliar as reflexões para as questões estruturantes, tais como ampliar as discussões sobre machismo e patriarcalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as percepções dos estudantes de curso de Pedagogia da UFSC acerca das trajetórias de mulheres, mães e estudantes. Para isso, buscamos compreender as percepções das estudantes mães e dos/as demais alunos/as acerca dos desafios enfrentados /as por essas estudantes que, no cotidiano, precisam conciliar a maternidade com as demandas acadêmicas. Com este propósito, propomos que narrassem suas percepções acerca do que é ser mulher, mãe e universitária e que apontassem ações que pudessem contribuir com a permanência desse público. No total, participaram 31 graduandos, o que corresponde a 7% do total de alunos matriculados.

Em linhas gerais, percebe-se que, em relação à categoria mulher, tanto as estudantes mães quanto os demais tendem a não questionar problemas estruturais como o machismo e patriarcalismo, que impacta de diferentes maneiras na vida das mulheres. Apenas um pequeno número de alunos levantou essas questões. Há, assim, certa tendência a naturalizar os diferentes e desiguais papéis, impostos para homens e mulheres na sociedade.

Ao analisar as narrativas sobre a maternidade, verifica-se que a maioria das estudantes mães a caracteriza como um processo difícil, que as sobrecarregam no cotidiano e, muitas vezes, se coloca como um dificultador para que possam dar conta das demandas acadêmicas. Tal fato nos leva a pensar que muitas delas incorporam como responsabilidade da mulher, visto que não houve referência a figura paterna. Já as estudantes não mães, além de apontar que deve ser desafiador, a relacionam a força. Ou seja, as mulheres mães precisam ter força e energia para conciliar os estudos e os cuidados com os filhos.

Vale ressaltar ainda que as diferenças entre a maternidade e a paternidade estão relacionadas com as questões socio-históricas, que também dificultam as discussões de gênero. Nesse sentido, a figura paterna nas narrativas passou despercebida até mesmo pelas próprias mulheres mães. Nas narrativas, fica evidente que, apesar das dificuldades apresentadas pelas estudantes no que diz respeito a conciliar as demandas domésticas com a vida acadêmica, o dispositivo e as linhas de poder que circundam a maternidade agem fortemente, o que leva as mães a naturalizarem os papéis que lhes são atribuídos.

Deste modo, apesar dos avanços obtido pelas mulheres por meios das suas lutas históricas, os discursivos tidos como verdade acerca da maternidade permanecem ainda estipulando um padrão a ser seguido, valorizado, muitas vezes, através de discursos moralistas, que impõe o modelo de mãe ideal.

Com relação às ações da Universidade, constatou-se que a maior parte dos estudantes, desconhecem as ações de permanência oferecidas para as mães de baixa renda e nem o Coletivo de Mães que vem desenvolvendo ações e debates para atender reivindicações das mães universitárias. No geral, os/as estudantes apontaram a necessidade de ações, tais como maior compreensão de professores/as para com estudantes que precisam levar seus filhos às aulas, flexibilidade de horários das aulas, oferta de espaço para as crianças e apoio pedagógico e apoio psicológico às mães para tentar garantir a continuidade desse público no curso.

Considerando as narrativas analisadas a partir das temáticas sugeridas, percebe-se a necessidade de ampliar os debates e conteúdos acerca das questões de gênero no curso de Pedagogia, tanto pelos alunos, quanto pelos professores. A pesquisa realizada evidencia a necessidade de uma disciplina obrigatória que tenha como foco as relações de gênero e a sexualidade, num curso majoritariamente composto por mulheres e que, portanto, precisa discutir esta condição de existência de forma crítica.

Ao pensar que o curso de Pedagogia prepara profissionais da educação para atuar na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, portanto com a infância que mantém uma relação direta com a maternidade e as questões que discutimos neste estudo, a abordagem desse conteúdo é importante tanto para as práticas pedagógicas, como para as relações que esses estabelecerão com as mães e os pais.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Teresa Cristina Sousa. **A Formação Acadêmica das Mães Universitárias do Campus Clóvis Moura: Um Olhar para a Qualidade**. Campina Grande: Realize, 2012. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/ae0eb3eed39d2bcef4622b2499a05fe6.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

GLOBO, Rádio. **'Não tenho vontade de ser mãe, estou realizada assim', revela Maju Coutinho**. 2018. Disponível em: <<https://radioglobo.globo.com/media/audio/233228/nao-tenho-vontade-de-ser-mae-estou-realizada-assim.htm>>. Acesso em: 23 maio 2019.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 443-481.

MAGALHÃES, Teresa Ancona Lopez de. **O Papel da mulher na sociedade**. Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo 75. 1980. p. 123-134. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/66895/69505>>. Acesso em: 23 maio 2019.

MARCELLO, Fabiana de Amorim. Dispositivo da maternidade: mídia e a produção pedagógica de sujeitos, práticas e normas. **Educar em Revista**, Curitiba: Universidade Federal do Paraná, V, 21, nº 26, 2005, p. 81-98. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n26/n26a07.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2019.

RIBEIRO, Flavia Gripp. **Mães estudantes: desafios da maternidade e da permanência na Universidade enfrentados pelas alunas do Curso de Serviço Social da UnB**. 2016. 63 f., Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social)—Universidade de Brasília. Brasília. 2016. Disponível em: <<http://bdm.unb.br/handle/10483/17382>>. Acesso em: 30 mar. 2019.

SONHO AZUL – COTIPLÁS. Cotiplás brinquedos. **Youtube**. 14 fev. 2012. 033s. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IZBLjE902Cw>>. Acesso em 27 maio 2019.

URPIA, Ana Maria de Oliveira. **Tornar-se mãe no contexto acadêmico: narrativas de um self participante**. 2009. 201 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/ana_maria_urpia.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2019.